

## O COMUNISMO, O SÁBIO E O SANTO

Sempre recomendo aos capitalistas que estudem Marx, pois lá encontrarão as melhores formas de explorar o trabalhador e garantir o consentimento de seu sobretrabalho, também chamado de mais-valia. Pois, Marx não estudou o comunismo, como muitos pensam. Ele estudou, profundamente, o capitalismo e apontou as contradições do sistema de produção capitalista.

Ao criticar o capitalismo, Marx propôs como solução para as contradições do sistema produtivo capitalista uma sociedade do trabalho. Uma sociedade organizada e dirigida por aqueles que vivem da venda da sua força de trabalho, que são os que produzem as riquezas das nações. Pois, riqueza não é dinheiro como pensa o senso comum. Riqueza é trabalho acumulado.

Marx pregou a extinção das classes sociais e do Estado. Pois, para ele o Estado era apenas um escritório de administração dos negócios da classe dominante. Porém, ele não deixou claro como seria essa nova sociedade de produtores. Apenas se refere poucas vezes sobre uma sociedade de cooperativas de produtores e um dos caminhos apontados por ele para superação do capitalismo seriam as empresas sociedades anônimas. Logo, do ponto de vista marxista, se existe classes sociais e Estado, não existe comunismo. O que existiu e existe são sociedades de economias planificadas, que o senso comum chama de comunismo, e economias não-planificadas chamadas de capitalismo, ou livre mercado.

Portanto, tudo o que se fala de comunismo é pura fantasia e besteira. Pois, nenhuma sociedade viveu ou vive o comunismo. Aliás, os primeiros cristãos que viviam nas catacumbas em Roma, fizeram uma espécie experiência comunista. Todo o dinheiro que ganhavam trabalhando era dado ao presbítero que o administrava. Aí se configurou uma espécie de relação comunista, na qual cada um dava o que tinha e a cada um era dado segundo a necessidade. E, numa de suas críticas ao capitalismo, Marx apontou que sociedade justa seria “[...] ¡De cada cual, según su capacidad; a cada cual, según sus necesidades!”<sup>1</sup>. Porém, experiência cristã não seguia o pressuposto comunista colocado por Marx, séculos depois, pois os meios produção não lhes pertenciam.

---

<sup>1</sup> MARX, K e ENGELS, F. **Obras Escogidas**, Tomo III, Moscú: Editorial Progreso, 1974, p.15.

A partir dessa afirmativa, pode-se perguntar: É possível implantar o comunismo em alguma sociedade? Se a resposta for sim, dois problemas terão que ser resolvidos. 1) Serão todos, mas a ampla maioria terá que ser, numa linguagem filosófica, sábios, ou, numa linguagem religiosa, santos. Pois, sábios ou santos agem seguindo o imperativo categórico da razão humana. 2) Teria que ser suprimido o Estado. Pois, o Estado, segundo Marx, só serve para garantir a exploração de uma classe sobre outra.

Bem, se todos se tornassem sábios ou santos, o Estado perderia sua função e desapareceria por si. Embora no capitalismo os sábios ou santos necessitem do Estado, de leis para impedir que os não-sábios e os não-santos cometam injustiças contra eles. Mas, efetivamente, sábios ou santos não necessitam de leis, se necessitassem não seriam sábios, ou santos. Então, somente uma pessoa completamente humanizada, que é sábia ou santa, aceitaria tal concepção de sociedade, na qual cada um dará segundo a sua capacidade produtiva e receberá segundo a sua necessidade. Por isso sempre digo que, só um "verdadeiro" cristão ou um "verdadeiro" comunista, um é santo e o outro é sábio, estariam dispostos a viver em tal paraíso.

A partir dessa concepção, parece que Marx imaginou que poderia ser instalado o mesmo paraíso prometido por Cristo, para depois da morte, antes da morte. Ou seja, seria uma parusia sem Cristo. Porém, Marx sabia que o homem é egoísta e mau, mas pensava que pela ilustração, pela educação, o homem poderia se tornar altruísta, honesto, justo e sábio. Tenho dúvidas que pela educação se consiga tal feito. Talvez isso seja possível, se for construída uma sociedade na qual todos agissem segundo imperativo categórico da moral kantiana que diz: Aja de tal forma que a sua ação possa ser universalizada. Isto é, que ação de um não ofenda ao outro. Se todos agirem assim, qual será a função do Estado em tal sociedade?

Mas, se a resposta for não, pode-se perguntar: Então, por que muitos lutam e até morreram e morrem pela causa comunista? Respondo que é pela mesma razão que os cristãos morreram e morrem por Cristo. Assim como os cristãos tem esperança na parusia, quando então será instalado um paraíso neste mundo para os vivos e os mortos, que ressuscitarão, no qual todos serão iguais, também os comunistas tem a práxis na força da organização dos trabalhadores, na qual depositam sua esperança libertária e igualitária. Outra resposta possível seria que

os marxistas, mesmo sabendo da impossibilidade de implantação de uma sociedade comunista, lutam para tornar a atual sociedade mais justa e menos excludente.

Porém, uma coisa pode-se ter certeza. O capitalismo não é o último estágio do desenvolvimento social do homem. Assim como o escravismo foi superado pelo feudalismo e o feudalismo pelo capitalismo, então, parece lógico pensar que o capitalismo não é o fim da história e que será superado por algum outro sistema administrativo de povo. Também parece lógico, historicamente, que não se pode dizer o que será colocado no lugar do capitalismo, apenas pode-se dizer que o capitalismo será superado.

Sobre o capitalismo não tecerei comentários. Apenas, direi que o capitalismo é um *Bellum omnium contra omnes* (uma guerra de todos contra todos), como afirmou Thomas Hobbes. Essa guerra começa com empresários contra empresários, continuando com operários contra empresários e terminando com operários contra operários. É o mundo do *Homo homini lúpus* (homem lobo do homem). Então, para reflexão, aponto que o capitalismo é um sistema no qual a felicidade de poucos é garantida pela infelicidade de muitos. Aqui, a ideia de felicidade e da sua inversa tomadas em sua acepção mais ampla possível. E, quero terminar perguntando: Qual é a mágica que garante que essa enorme massa de infelizes não se revolte contra essa ínfima massa de felizes?

Toledo (PR), junho 2007  
Prof. Antonio Carlos da Silva